

MEDICINA

SOBRE O TRATAMENTO ANTISEPTICO DAS MOLESTIAS DOS PULMÕES (1)

Discurso proferido na sessão annual da Sociedade Medico-
Cirurgica de Londres Occidental

Por J. BURNEY YEO. M. D., F. R. C. P.

(VERSÃO DO INGLEZ)

Senhores : — Quando o vosso secretario, M. Keetley, me fez a honra de convidar-me para discorrer perante esta Sociedade sobre o tratamento antiseptico das molestias pulmonares, confesso que ao principio hesitei em acceitar este convite. Senti que, não obstante haver consagrado ao assumpto alguma attenção, o meu tempo era n'este momento tão inteiramente occupado, que não estava apto para tratá-lo tão completamente como a sua importancia reclamava, e como era proprio de uma sociedade tão instruida e influente como esta. Tambem senti que era um assumpto que só agora principiava a ser considerado sob um ponto de vista verdadeiramente scientifico, e que a questão do tratamento antiseptico das molestias pulmonares achava-se no seu periodo inicial, na verdade cheio de suggestões para estudos futuros; mas onde o trabalho de exame, de experiencia, de comparação, de verificação, de critica — séria e util —, não estava ainda acabado. Póde então parecer prematuro apresentar este assumpto a esta Sociedade no seu periodo actual; mas quando reflecti na sua importancia intrinseca, quando meditei nos vastos interesses directos e collateraes, envolvidos na sua discussão, no poder e influencia de uma Sociedade como esta para colligir provas em abono, accedi ao pedido do vosso secretario, contando com a vossa indulgencia para escusar o character meramente suggestivo

(1) Transcripto da *Coimbra Medica*.

d'este discurso, e as muitas imperfeições e lacunas que só futuras investigações podem supprir. É notavel que, quando começamos a attentar na historia de quasi todos os assumptos, poucas novidades se encontrem nos seus factos e phenomenos. O que é novo está em o nosso modo de olhal-os, comprehendel-os e applical-os. A verdade está sempre nos factos e phenomenos da natureza, mas é muitas vezes descoberta só depois de seculos de observação, de experiencia e de opposição. De opposição: — quão notavel é este espirito de opposição! quão notavel tem elle sido na historia de um dos maiores triumphos e descobertas na arte e na sciencia da cirurgia, o systema antiseptico. Como se não fosse aspero bastante o trabalho de descobrir a verdade n'este universo, os homens encontram perpetuamente da parte dos seus collegas a mais ardente opposição aos seus esforços. Em prova do que digo, basta-me apenas apontar a presente agitação por parte da bem conhecida sociedade contra as experiencias nos animaes — sociedade que invertendo a exclamação de Goethe moribundo « mais luz », pode ser justamente designada: « a sociedade para a conservação da escuridade ».

A idéa do tratamento antiseptico das molestias pulmonares é certamente nova em o nosso modo presente de consideral-a, em a nossa comprehensão dos phenomenos com que está relacionada, e na extensa applicação que nos propomos dar-lhe. Mas a cousa em si não é nova, nem são novos os phenomenos. A adopção e successo dos methodos antisepticos do tratamento das affecções pulmonares tem sido repetidas vezes registrados e repetidas vezes tem encontrado opposição, até com uma especie de sorridente desprezo.

Não será, senhores, este o caso agora, e pelas seguintes razões. Até aqui, ou até ha pouco, taes esforços eram empiricos, e sem nenhuma base estrictamente scientifica, mas agora nossos methodos antisepticos são fundados sobre conhecimentos scientificos, sobre principios, que tem sahido de uma serie de investigações muito pacientes e ao mesmo tempo muito fructuo-

sas, que contribuíram muito para fazer d'esta ultima metade do seculo XIX a epocha mais illustre na historia das sciencias medicas. Algumas illustrações historicas bastarão para provar o que eu tenho dito ácerca da antiguidade do facto do tratamento antiseptico das molestias pulmonares. Hippocrates e Galeno usaram aconselhar a inalação de vapores balsamicos n'estas affecções, e o ultimo costumava recommendar aos pacientes tísicos a habitação nas vizinhanças do Etna e do Vesuvio, onde podiam inhalar vapores sulphurosos bem como o ar do mar. Limitar-nos-hemos, contudo, á historia da therapeutica pulmonar durante os ultimos cem annos, e um dos factos mais notaveis é a frequencia com que os vapores de alcatrão tem sido considerados de grande valor no tratamento das molestias pulmonares.

O Dr. Rush, de Philadelphia, entre nós o Dr. Beddoes pela mesma epocha, e Sir Alexandre Crichton em 1817 affirmavam ter obtido grandes successos, tratando tísicos pela inalação de vapores de alcatrão fervente, e o Dr. Solis Cohen no seu excellente livro sobre *Inhalações*, em apoio d'este testemunho diz: « O uso dos vapores de alcatrão na tísica merece ser estudado inteira e completamente, de sorte que possam estabelecer-se indicações seguras relativamente ao character dos casos a que é mais applicavel. Entre 1819 e 1830 os medicos francezes Gannal e Cottureau, e Sir James Murray em o nosso paiz, referiram excellentes resultados do tratamento de casos de tísica pelos vapores de chloro diluido. Um d'elles refere que nas lavanderias os trabalhadores com molestias de peito visivelmente melhoram, e outro relatou treze casos de tísica curados pela inalação de chloro; e Luiz em Paris, e o Dr. Elliotron e Thompson de Londres tambem o elogiaram.

Em 1835 Sir Chas Scudamore tornou-se advogado entusiasta da inalação dos vapores de iodo na tísica, e depois de experimentar dez annos, julgava-se convencido do seu poder reparador. Piorry (entre 1850 e 1860) tambem advogou a inalação continua dos vapores de iodo na tísica, e com este proposito

costumava ter muitos pires, contendo iodo, collocados em volta do travesseiro do paciente. Tratou trinta e um pacientes por esta fórma em dois annos; vinte melhoraram decididamente relativamente aos symptomas e signaes physicos; em sete casos symptomas e signaes physicos desapareceram e quatro casos morreram. Ultimamente ainda Skoda empregou as inhalações de vapor de therebentina com muito successo na tísica, gangrena pulmonar, e nas affecções catharraes das passagens aerias.

Escolhi estes exemplos quasi ao acaso na historia da therapeutica pulmonar, para vos demonstrar que não errava dizendo não haver novidade nos factos; e tambem elles concorriam para refutar a opinião, ha pouco sustentada por um ou dois jornalistas, sobre os fracos resultados que têm provindo do tratamento antiseptico da tísica. Supponho que tenho tanto direito a fallar d'este objecto como qualquer d'estes escriptores, porque durante dez annos observei pessoalmente acima de 27.000 clientes em um hospital dedicado ao tratamento d'esta affecção, e de todos os methodos de tratamento de que eu tenha tido algum conhecimento e experiencia, aquelles com que entrava algum meio antiseptico de tratamento, como elemento importante, eram certamente acompanhados com os melhores resultados. A difficuldade sempre esteve em assegurar-me da applicação propria do agente antiseptico; e depois de ensaiar varios expedientes com este fim, inventei afinal um methodo muito simples de continuas exhalacões, que corresponde ao proposito melhor do que qualquer outro do meu conhecimento. Em outra parte descrevi o apparelho, e vós podeis examinar os especimens que estão sobre a mesa.

Deixae-me fazer uma observação, cuja força vereis. É inutil ensaiar qualquer methodo de tratamento, applicando-o aos casos de tísica adeantada. Em taes casos o mal está feito. Nenhum agente antiseptico fechará numerosas cavidades suppurantes, nem substituirá o tecido pulmonar, que tenha sido destruido pela ulceracão e desintegração progressiva, nem

removerá as infiltrações, tuberculosa e inflammatoria, extensamente disseminadas. E contudo quantos casos de tísica nos apparecem já n'este estado. É muito para penalisar que certos medicos hajam pretendido ter curado casos taes, e que outros tenham ensaiado as suas estatisticas pela applicação de um methodo especial de tratamento a casos tão desesperados. De sorte que, para qualquer caso ser curado por um methodo de tratamento, a primeira e essencial condicção é que elle seja curavel. E casos de tísica chegam muitas vezes pela primeira vez á nossa observação muito depois de ter passado a possibilidade da cura. Mas para nós a questão a examinar e para nos satisfazer é esta: — Ha um systema antiseptico de tratamento, applicado ás molestias pulmonares, verdadeiro em principio? Se podermos convencer-nos de que o principio é verdadeiro, devem certamente seguir-se na pratica os modos de applicação e desenvolvimento. Em primeiro lugar, pois, deixae-nos inquirir: — o que é o tratamento antiseptico? Este tratamento, applicado aos pulmões, é uma ou ambas de duas cousas: — Primeiramente é a prevenção de um agente pernicioso, venenoso (septico), chegando do exterior aos pulmões; e em segundo lugar é a destruição, ou a limitação da acção de um agente pernicioso, venenoso (septico), já dentro d'ellas.

E agora perguntemos a nós mesmos se ha alguma razão *a priori*, pela qual não seja possivel satisfazer a ambas essas indicações. Sustentava-se calorosamente não ha muitos annos, como preliminar necessario a esta discussão, que era impossivel levar pela inbalação agentes medicinaes ao contacto com a superficie pulmonar. Esse argumento ha sido abundantemente refutado pelas mais variadas e laboriosas verificações experimentaes.

Assim, pois, suppondo existir nos pulmões um pernicioso agente sceptico, — e na phthysica a presença de um tal agente tem sido posta fóra de toda a duvida, e estabelecida a sua qualidade virulentamente sceptica —, o problema do tratamento antiseptico é este: Possuimos nós, ou podemos descobrir,

algum agente, que possamos transportar até aos pulmões, sob a forma de gaz, vapor, ou solução, e que seja inimigo da vida e actividade d'esse corpo septico? Ou podemos collocar o paciente em condições de vida hostis ao seu crescimento e desenvolvimento? Seria illogico e absurdo em extremo negar a possibilidade de tal methodo, ou da descoberta de um tal agente antiseptico, possuindo já um ou mais. Por isso deve admittir-se como inteiramente possível a segunda indicação. Não só é necessario destruir qualquer agente septico, que exista nos pulmões, mas devemos estar habilitados a estorvar aos agentes scepticos a entrada nos pulmões com o ar respirado. Ora isto póde obter-se por dous modos: (1) Podemos collocar o paciente em uma atmosphaera que pelo exame saibamos ser absolutamente pura e livre de particulas septicas; ou (2) podemos diffundir no ar que respira um agente hostil á vida e actividade de quaesquer particulas septicas, que ahi possam existir. É este um verdadeiro tratamento antiseptico, e é certamente possível em qualquer d'essas duas formas. Si, pois, nos limitarmos (e é o melhor que agora temos a fazer) á consideração do tratamento da phthysica, temos duas cousas satisfactoriamente provadas. Primeiro; ha nos pulmões um agente especifico sceptico nocivo. Segundo; é possível um tratamento antiseptico. Aqui não ha illusão. Senhores, estamos n'um pé seguro e certo; alcançamos um principio. É só a primeira pedra do edificio a construir, mas é a pedra fundamental. O que agora temos de fazer immediatamente é, pelo trabalho paciente no caminho da observação e da experimentação, applicar esse principio. O nosso objecto é descobrir que agentes podem existir ao nosso alcance capazes de serem administrados sem infligir offensa aos tecidos pulmonares, e que tenham o poder de destruir, ou neutralisar, ou suspender a actividade do organismo sceptico, que parece ser a causa activa na origem e propagação da phthysica. Eu estou disposto a crer que outras formas communs de molestia dos órgãos respiratorios tem tambem uma origem sceptica

e clamam por tratamento antiseptico, mas podemos por agora concentrar a nossa attenção sobre o assumpto da phthysica.

Temos já provas abundantes e incontestaveis de que o ar puro, — ar puro, frio, secco em quantidade illimitada —, é um tal agente antiseptico. Por toda a parte onde o ar assim existe, — no alto plató do Mexico, nos elevados valles da Suissa, nos steppes Kirghiz da Russia Asiatica, nos pinheiraes da Allemanha Central, no alto mar, onde os homens vivem uma vida em pleno ar, fóra das emanções das cidades e do estreito contacto com a humanidade, — em todos esses logares ouvimos que a consunpção se suspende ou se cura. O *bacillus tuberculosis* parece gostar da atmosphaera humida, quente, e francamente carregada das exalações da humanidade. O calor e a humidade parecem chamal-o a actividade especial, em quanto que o ar secco em temperatura comparativamente inferior lhe parece contrario. Quem tiver observado, como eu tenho feito, um grande numero de casos de phthysica n'este paiz, terá attentado na frequente occurrencia de rapidos progressos da molestia durante os primeiros dias de calor humido da primavera e estio precoce.

Aqui sou de novo tentado a citar uma passagem, para que foi recentemente chamada a minha attenção pelo meu amigo Dr. Frank de Cannes, mostrando que na verdade não são novos os factos que estamos discutindo. Encontra-se em um livro allemão, muito bem feito, « Medicina domestica nos tempos do Novo Testamento », do qual existe uma versão ingleza por Williams e Norgate. É allusiva ao ar de Masada, fortaleza da montanha nas margens do Mar Morto, onde João Baptista esteve preso. Ahi, diz o auctor, José nos conta que as provisões conservavam a sua frescura durante cem annos e mais, « porque o ar das alturas da fortaleza estava puro de todas as particulas terrestres e corruptas ». É precisamente um ar assim, purificado de todas as « particulas corruptas », que nós exigimos para os nossos pacientes phthysicos; e se não podemos envial-os para onde o ar n'essas condições naturalmente se encontra, podemos

artificialmente crear-lhes uma atmosphera antiseptica, que possam respirar onde se achem; e se devemos perpetuar os hospitaes para phthysicos, é com essa atmosphera que devemos encher-os. Talvez, porém, chegue o tempo em que, em vez de conservar juntos muitos doentes de consumpção no centro de um districto populoso de uma grande cidade, adquiramos para o mesmo fim um pinheiral bem crescido com um sub-solo secco, alguns centos de pés acima do nivel do mar, e construa-mos um certo numero de *cottages* disseminados pela floresta, e suspendamos *hamacs* entre os pinheiros, para enviar para ahi os phthysicos respirar até á cura! No tempo humido accenderão fogueiras de madeira de pinheiro e de pinhas, enchendo d'est'arte as habitações de vapores balsamicos e antisepticos; e com as janellas abertas e um solo secco o calor humido ser-lhes-ha menos nocivo ahi do que nas cidades. Comtudo nós temos recursos antisepticos mais accessiveis do que os pinheiraes. E aqui chamo a vossa attenção para as condições anatomicas peculiares dos órgãos respiratorios, pelos quaes estão préviamente dispostos para o ataque septico e especialmente necessitados de antiseptica defeza. O pulmão é o unico órgão interno profundamente situado no corpo, que seja livremente accessivel ao ar ambiente. O ar exterior perpassa perpetuamente pelo pulmão, e por isso as particulas septicas podem alcançar perpetuamente a superficie pulmonar, que é ricamente provida de vasos absorventes. Porém, se em virtude das disposições anatomicas das partes do pulmão os corpos septicos podem promptamente attingil-o, pela mesma razão particulas antisepticas podem ser promptamente postas em contacto com elle, ou sob a forma de gaz ou de vapor, pulverisação e neveiro, ou ainda de finas particulas solidas.

É inutil offerecer-vos qualquer prova d'isto. Todos, porém, acceitaes como provado este asserto; e sem duvida vos são familiares as diversas formas deapparelhos destinados a executar essas applicações. Mas ainda que possamos esterilisar ou destruir por este modo os germens ou microbios, que contém com-

mummente a atmosphaera, e purificar assim e tornar inoffensivo o ar que perpassa pelos pulmões, não se segue que os agentes nossos conhecidos, taes como o acido carbonico, eucalyptol, thymol, etc., sejam germicidas, e que, sendo usados pelos cirurgiões por causa de tal propriedade, sejam necessariamente destruidores do *bacillus* tuberculoso. A analogia conduz-nos a concluir que o podem ser, e a experiencia do seu uso nas mãos de muitos observadores competentes tende a fortificar esta vista. Não podemos entretanto satisfazer-nos com isto; devemos continuar nossos estudos da historia do *bacillus* até descobrir quaes sejam em particular o agente ou agentes especialmente contrarios ao seu desenvolvimento e actividade.

Ha uma outra difficuldade que devemos estar preparados a encontrar, — a de convencer os pacientes a submetterem-se a um processo continuo de desinfecção. Não é nada facil levar os phthysicos a usar, quasi continuamente, mesmo uma applicação tão simples e ligeira como uma que vos mostrei, e seria infinitamente mais difficil resolver os a inhalar uma atmosphaera de pulverisação, suppondo que está descoberto que o melhor antiseptico é soluvel na agua, mas não vaporisavel ás temperaturas ordinarias, como succede com o benzoato de soda, do qual alguns tanto esperavam. Eu, porém, acredito que a difficuldade desapparecerá quasi de todo, se os nossos conhecimentos se tornarem bastante precisos, e a confiança n'um remedio completamente assegurada. Se podermos dizer aos doentes, — por este meio sarareis, e não por outro qualquer —, estou persuadido que a difficuldade cessará de todo. D'aqui, comtudo, vereis a vantagem obvia de podermos remover os nossos pacientes para uma atmosphaera antiseptica, onde elles não possam dispensar-se de inhalar continuamente o agente curativo.

Agora posso reduzir a uma conclusão essas observações meramente suggestivas. Nas precedentes observações tenho procurado sobretudo mostrar que a idéa de um tratamento antiseptico das molestias pulmonares se basea em dados scientificos, e que ella em principio fica como verdade demonstrada.

Resta-nos vencer as difficuldades na sua applicação. N'este trabalho animar-nos-ha o pensamento de que qualquer progresso, que possamos lograr, servirá os labores dos grandes mestres da pathologia experimental, de homens como Pasteur, Koch e Lister. Não é dado a todos trabalhar com o seu genio e energia. Mas deixae-me recordar que um d'elles — Koch — era um medico pratico, como muitos dos que hoje me escutam; e nós alguma cousa poderemos fazer para transferir a influencia da sua intelligencia e do seu genio, e applicar os fructos dos seus trabalhos aos diarios deveres de cuidar nos enfermos; e a despeito de muitas interpretações absurdas e loucos abusos, estaremos no caso de provar ao mundo que a pathologia experimental é no mais alto gráo benefica e philantropica. Parece-me que pela vez primeira attingimos um principio no tratamento preventivo e curativo de uma classe de molestias, que até aqui temos olhado quasi com desespero. Trabalhemos firmemente na fundação que o principio estabelece, cujas felizes applicações serão seguidas de immensos serviços para a humanidade e honra duradoura para a sciencia.

REVISTA DA IMPRENSA MEDICA

ANESTHESIA MIXTA PELO ETHER, MORPHINA E ATROPINA. — O *Lyon médical* de 14 de Janeiro ultimo publicou e o *Journal de Thérapeutique* transcreveu um breve mas curioso artigo, que vamos resumir e em que o sr. P. Aubert dá conta de recen-tissimos estudos, seus e alheios ácerca da anesthesia mixta, realisada pelos agentes acima mencionados.

Começa o auctor por lembrar a repugnancia que tem havido em tornar geral a pratica da anesthesia mixta, tal qual a propuzera Cl. Bernard, repugnancia derivada do receio de associar